

A Voz da Juventude

Directora
Maria Teresa Rita Lopes

Revisão pela Professora
Sr.ª D. Maria José Pontes

Composto e impresso na Tipografia União—Faro—Telef. 154 — Desenho de Ismênia Rodrigues



CRÓNICA

DO 3.º A

QUEM não conhece a turma do 3.º A? Tenho bem a certeza que não haverá ninguém que não conheça as suas raparigas alegres e joviais, sempre prestáveis para tudo e, enfim... obtendo no fim do período notas mais ou menos satisfatórias.

Desde o primeiro ano que se notabilizaram.

Chega, até, a parecer impossível que uma gaiatinhas, como nós eramos, tivessem tido audácia para se meter em empreitadas de que... vá lá saíram-se sempre de maneira a serem aplaudidas (modéstia aparte).

Creio que não há mesmo ninguém que se não lembre da nossa festa do primeiro ano; da saída do primeiro número do «primitivo» *A Voz da Juventude*. E este ano... — uma coisa nos tornou ainda mais notáveis: — O nosso jornalinho sai impresso!!

Grande glória! E de tal maneira foi uma coisa importante, que temos recebido acaloradas felicitações e cartas de parabéns! Não temos com isto tudo razão para estarmos orgulhosas?!

— Tudo isto caracteriza a nossa turma, exteriormente. E no interior? Oh! há lá tanta, tanta coisa, que se eu as descrevesse todas não sei onde iria buscar papel! Narrarei, porém, apenas o que principalmente a distingue e a originaliza, para os leitores, que a não conhecem, fazerem

(Continua na 3.ª pág.)



COMUNGANDO no sentimento de pesar que enluta todo o País, não deixaremos de evocar aqui, o falecido Presidente, o ancião que, desde pequeninas, nos habituámos a venerar, por um quadro grande que havia na Escola; por sempre conhecermos o seu nome ligado a Portugal; por, mais tarde, lhe descobrirmos a personalidade.

Então, como raparigas Portuguesas e Católicas, prestemos homenagem ao Presidente morto e lembremo-lo nas orações!

PALAVRAS

DE INCITAMENTO

DENTRE as muitas palavras amigas de incitamento que recebemos foram-nos, umas, particularmente gratas, não só porque elas nos animavam a prosseguir no nosso intento, mas também porque nos trouxeram recordações do 2.º Ano, das nossas professoras que partiram.

E são as palavras de umas dessas professoras, cuja lembrança será sempre para nós uma saudade, que, esperando desculpa para a nossa indiscrição, transcrevemos para que as suas saudações melhor se estendam a todas as terceiranistas, que foram suas alunas:

Foi uma agradável surpresa para mim receber no Liceu onde estou o jornalzinho «A Voz da Juventude» a trazer-me lembranças das minhas alunas do 2.º ano, que passou. Muito e muito obrigada.

«A Voz da Juventude» cresceu, de facto; é um jornal mais sério, mais grave, do que o brincalhão do ano passado. Que progrida! Que vá convosco até o 7.º ano, a mudar de face, sempre com a mesma alma.

Não me importo que me contem no número dos assinantes certos; terei gosto em recebê-lo de quando em vez. E que ele me traga a voz de todas: espero ver aí mais colaboração, para, através do jornal, eu ir ouvindo mui-

(Continua na 2.ª pág.)

Soneto por SNITRAN SEVEN

Regresso da Primavera

A Natureza canta um hino à vida
Elevam-se no ar canções de amor.
Por toda a parte a terra está florida
Há esperanças de vida, em cada flor.

A luz do Sol, bendita, tem mais cor;
O gorgear das aves nos seduz...
Os passarinhos trazem, com amor,
Nas azas leves, mensagem de Luz!

O Céu envia bênçãos sobre a Terra:
Às aves o cantar sonoro e terno
A cor e o perfume aos roseirais...

Todos os anos volta a Primavera
Renasce tudo o que matou o Inverno...
... E a nossa Primavera nunca mais...



CANTO DAS RAPARIGAS

EM CASA

Promete



PASSEIO

a ti própria...

... Olhar todas as coisas pelo seu lado bom e puro.

... Não jurar. Sê tão verdadeira que baste dizeres: eu vi, eu faço, eu sei.

... Não invejar as raparigas mais bonitas do que tu. Procura adornar-te com outros encantos mais duradouros do que a beleza. Para isso procura, dia a dia, cultivar o espírito e aperfeiçoar o coração.

(Conselhos extraídos do livro «Jeaninha quer casar»).

Coisas práticas

PARA conservar os objectos de níquel e prata sempre brilhantes, esfreguem-se com um pedaço de lã, embebido em amoníaco.

PARA tornar como novo qualquer objecto de couro (cintos, pastas, etc.) lava-se este com a mistura feita de uma colher de vinagre e duas de azeite. Puxa-se-lhe, depois, lustrado, com uma flanela.

PARA lavar pentes, escovas, e fazer desaparecer as gorduras, utiliza-se nina coherzita de amoníaco, numa garrafa de água. Lavem-se depois os objectos com essa mistura e ponham-se a secar ao lume ou ao sol.

PALAVRAS DE INCITAMENTO

(Continuação da 1.ª página)

das daquelas petizinhas do ano passado, que não estudavam muito, mas tinham esperteza de passarinho. E, vá lá! Portaram-se bem no exame...

A Antonieta, a Eurídice, a Vanda, a Valentina, a Mília e muitas outras bem podem escrever, dizer do seu sentir, transmitir as suas impressões... para eu ter o prazer de saborear os seus dizeres que, no 3.º ano, com mais um grãozito de cultura, devem vir já com mais pretensões como é de uso e costume em gentes de 13 anos.

E vou apresentar as minhas despedidas com bons desejos de Páscoa Feliz, que é como quem diz: Boas Notas.

Transmite tu, a todas as tuas colegas do 3.º A e B, que foram minhas alunas, os meus cumprimentos.

Um grande abraço amigo da ex-professora

Maria Ildo Andrade

AO CAMPO

HAVERÁ por acaso alguém que seja insensível à beleza de um dia primaveril?

Ora nós, que somos moças e temos também conosco uma Primavera, resolvemos tirar partido da Natureza. E assim num destes dias primaveris, eu e as minhas colegas combinámos um passeio ao campo. E foi tão fácil... Lançar mão dum chapéu de palha, arranjar um pequeno farnel, porque os ares do campo abrem o apetite, foi obra de um momento.

Caminhámos por uma estrada tortuosa e poeirenta, sob uma abóbada de verdura, porque as árvores que a marginavam, desde há muito casaram as suas ramadas. Tudo era alegria!...

Eram os passarinhos cantando, os insectos zumbindo, um regatozinho sussurando—eram os nossos corações em festa, eram as nossas almas extasiadas perante tantas maravilhas, que gritavam bem alto a glória de Deus, o Artista Supremo!

Sempre foi bom termos levado a merenda, porque, como previmos, apeteceu-nos trincar, sentadas, em cómodos «maples» de relva à beira do riacho.

O calor apertou; senti então a garganta seca. E a água corria a meus pés tão límpida, tão fresca, tão convidativa... Esqueci-me do copo, mas não faz mal, ajoelhei-me e trouxe na concha das mãos uma porção de água, que gotejava por entre os meus dedos. Saciada, estendi-me na ervinha fresca, e detive-me a contemplar a deslumbrante paisagem, e o voltejar contínuo das andorinhas. As mi-

TUDO indicava que seria um dia de trovoadas... O pai saiu do quarto com a testa franzida. A mãe, ao entrar na cozinha, viu a criada pendurada à janela, a falar com a criada do lado, e eram 9 horas e as torradas por fazer! O irmão, em frente do espelho, vociferava com a gravata, que não havia processo de «cair bem». A irmã, apoiava a testa na vidraça e chorava silenciosamente, porque o carteiro já passara e a respeito da carta do namorado—nada!

Quando Joaninha começou a cirandar pela casa, muito alegre, cantarolando, todos a mandaram calar. Ela não fez grande caso, apenas baixou a voz. Correu à cozinha, a ajudar a criada; saltou ao pescoço do pai como se fôra um bebé de 3 anos; pediu à mãe, cozinheira exímia e apaixonada, que lhe ensinasse a receita de certa iguaria do seu agrado; ajeitou, entre duas momices, a gravata do irmão; pregou um sermão sobre as torturas e as delícias do amor, para a irmã ouvir — é, embora todos tentassem ralhar-lhe e lhe chamassem criança, dentro de minutos todos sorriam, e foi um dia de sol naquela casa!

(Do livro «Joaninha quer casar»)

nhas colegas brincavam animadamente. Juntei-me a elas, jogámos e tirámos fotografias.

O sol ia já declinando no horizonte; mas antes de regresso ainda colhemos grandes braçadas de malmequeres brancos e amarelos. Tornámos para casa satisfeitas, com as nossas almas sorrindo, plenas de liberdade. — M. R.

AO LARGO!

Por Maria Teresa

Ao largo, bem ao largo! Velas desfraldadas
O coração ao leme, os ideais por remos, ideais
Plenas de ar e luz, as almas dilatadas
Anseiam pelo imenso! O nosso lema é: «mais!»

Braços e alma ao Sol, vamos singrar o mar
Da vida, estonteante, isto de viver!
E' certo que há nuvens; o mar tem tempestades...
Mas oh! Nós somos moços! Hemos de as vencer!

Calar as tempestades com a nossa voz
Desvanecer as nuvens com a nossa chama
Fazer da nossa vida um sonho e um dever!

Apagar com o bem, o mal que a vida tenha.
Viver intensamente! A vida somos nós!
Nada é impossível para quem é moço e quer!

OS NOSSOS CONTOS

Coragem, TONY!

Por Maria Antonieta



ERA um dia de Primavera. Lá longe, o mar muito calmo e muito azul a confinar com o horizonte em que o Sol punha reflexos de ouro ofuscante. Mais perto, os pinheiros muito verdes, de um maravilhoso verde esmeralda, que vergavam levemente à brisa suave que por eles passava. Depois, as galvotas no seu constante saracotear de aves marinhas, voitjavam, sem cessar, o imenso, o maravilhoso gigante, o tentador dos marinheiros, o mar.

Tony, a formosa Tony dos olhos cor de mel, contemplava, embevecida, a maravilhosa e impudente paisagem que daí a pouco iria admirar das alturas. Também, como as galvotas, ela sobrevoaria o mar, a esarar alva que se estendia, em profusão, no verde, os pinheiros rmorejantes e o enorme campo de aviação, onde iria tornar realidade o que tinha sido apenas so-

nho. Ia ser aviadora! Olhou mais uma vez o fato claro, em que o seu corpo alroso parecia mais pequeno e delicado, passou as mãos esguias pelo cabeço anelado e curto, num gesto que lhe era familiar. Envolveu num olhar apaixonado o avião pronto a descolar.

— Tony, então, sente-se com coragem?

A pequena voltou-se. Na sua frente muito sorridente, um jovem oficial estendia lhe as mãos que ela apertou.

— Se me sinto com coragem? Oh! Sim! Com muita coragem! Você vem assistir às provas?

— Sim, nem podia, deixar de ser. Aviadora tão belo nunca os seus de Portugal conheceram!...

— Deixe-se de galanteios, meu velho!

— Tony, Tony! Venha, vamos levá-la ao seu avião. E, alegres como dois colegiais, os jovens aviadores deram-lhe as mãos e levaram-na.

O capitão contemplava, extasiado, a figurinha da jovem portuguesa, que corria com ele de encontro à sorte. A jovem corajosa, que desprezava o perigo, que vivia apenas para a seu sonho! Ser aviadora!

O juvenil ia levantar voo. O enorme pássaro elevou-se rapidamente, com um rugido de ave gigante. Os colegas da jovem seguiam atentamente as graciosas e arriscadas evoluções do Juvenil e todos, quando ela lhes passava mais perto, lhe gritavam como se ela os pudesse ouvir— «Coragem, Tony!»

Depois de descrever graciosas curvas, Tony preparou-se para efectuar um excitante «looping». Eram os voos de cabeça para baixo, que a intrépida aviadora mais temia. No entanto conseguiu fazê-los com admirável sangue frio. Através do pára-brisa via brilhar ao sol, no seu rodopiar furioso, a hélice do Juvenil, como dupla cimitarra de ouro.

Desceia agora em vertical, numa descida rápida, para logo se elevar e voitar no espaço.

Tony ia aterrar. O avião tocou o solo e deslizou, rápido, pelo campo de aterragem, indo alinhar-se junto dos outros aviões. De pé, na carlinga do seu avião, a formosa e não menos corajosa aviadora tirava, sorridente, os grandes óculos escuros.

Os colegas rodearam-na e com grande algazarra, todos à uma, a felicitavam. O capitão tomando-lhe as mãos apertou-as demorada e carinhosamente.

— Desejo-lhe Tony, felicidade e que a coragem que tem mostrado até aqui seja duradoira. Depois entregou-lhe o diploma.

Os olhos cor de mel da jovem brilharam de alegria. Enfin, o seu sonho de criança e de mulher tornara-se realidade. E ela tinha ali nas mãos, o diploma! Mirava-o e remirava-o e quase nem acreditava em tamanha ventura. Relembrava o tempo de estudante, quando no colégio o grupo de colegas favoritas discutia e sonhava com o futuro. Todas elas de ideais sublimes! Uma iria para a marinha (o pai era comandante e não se opunha). Outra para a medicina, e a Teresa

(Continua na 4.ª página)

O Preto

Por Maria Teresa

VENDE cautelas pelas ruas, apregoando aos quatro ventos o seu estribilho entaramelado:

E o 1072?! — Compra, sinhô!

Tem qualquer coisa de patético a sua indumentária suja e esfarapada, a contrastar com o largo sorriso, que lhe distende mais a beicola grossa e descaída.

E' sempre com esse sorriso mais ou menos prazenteiro que estende o maço de cautelas aos transeuntes indiferentes e pede na sua voz ronfenha:

— Compra, sinhô! E o 1072!!

Mas a mão preta e ossuda é logo repelida, sem um olhar, sequer.

E nunca se apaga aquele sorriso, que eu adivinho triste, mas que ele pretende tornar alegre...

Quando o encontro, tenho tanta pena dele! Sinto desejos de abraçar aquele corpo magro e encarquilhado, aquecê-lo com o calor da minha juventude, protegê-lo dos insultos e zombarias dos garotos da rua.

Se eu pudesse comprar-lhe todas as cautelas, para ver sorrir de gozo aqueles dentes amarelos e aqueles olhos apagados!...

Uma vez vi uma criança começar a chorar desabaladamente, encolhendo-se nas saias da mãe, quando ele pretendia oferecer uma cautela à «sinhá». Mas logo o preto lhe fez uma «festa», que a garota suportou com um olhar de terror, e lhe disse, meigamente.

— «Não chore, minina. Preto não fazer mal...»

Quando encontro gravuras com negros semi-nus, azoujados ao peso de fardos, e a cara rubicunda, e o chicote levantado na mão

(Continuação na 4.ª página)

Viva «A Voz da Juventude»!

Viva «A Voz da Juventude»,
O nosso querido jornal
A ensinar a virtude,
Não há outro assim igual.

Concordamos, que é pequeno...
Um dia será maior!
Mas precisa coragem
Para se tornar melhor.

Trabalhemos com ardor
Para esse belo ideal.
Viva «A Voz da Juventude»,
O nosso lindo jornal!

Maria Wanda

R
I
S
O

A freguesa jovem e bonita — Quanto custa um metro desta fazenda?

O empregado galante — Um beijo, lindeza.

— Dê-me 5 metros, então... e a minha avó cá vem pagar daqui a bocado...

— Quantos filhos tem, minha senhora?

Como era já a 2.ª vez que lhe perguntava isso, na noite, ela respondeu.

— Desde que V. Ex.ª me perguntou a última vez e eu lhe disse que tinha dois, ainda não tive mais nenhum.

(Ela (saturada). Oíça lá: você gostava de dar um grande passeio?

Ele (radiante) — Oh! se gostava! Imenso!...

Ela — Então vá, e por minha cansa não se prive...

(Na catequese) — Antoninho, porque é que Adão e Eva foram expulsos do Paraíso?

O pequeno depois de meditar responde com muita calma.

— Talvez não pudessem pagar ao senhorio.

Crónica do 3.º A PALAVRAS CRUZADAS



(Continuação da 1.ª página)

uma pequena ideia. Começarei por dizer que há lá de tudo!! Para todos os gostos! (Especialmente muitos macaquinhos no sótão...) «Macaquinhos» que se traduzem por «boquinhas», passinhos floreados, boinas espampantes, ... e coisas no género.

Boquinhas: sobre este assunto não há palavras capazes para me exprimir! Por isso... passemos adiante. Sobre franjas... não pode haver melhor!

Há até uma muito característica—a franja romântica... ou atômica!

Assim: aos lados muito «pontuda», ao meio, muito curta... (Aquilo encolheu com o frio, mas como já estamos na Primavera, esperamos que dentro em breve volte ao estado normal) ..

Oculos... Ai óculos, que tanto têm dado que fazer! Parte-se um par... arranjam-se umas velhas lunetas do bisavô, à D. João I, e lá se vai vivendo, é claro que, piscando o olho de vez em quando!

E ainda os meus leitores não sabem o melhor! Calculem que temos cá também uma «espada descapotável», propriedade de uma das alunas. (Retumbante, não acham)? Estamos ansiosas por conhecer tal preciosidade! E ainda mais: de dar um passeio nele! Mas o pior é se isto não passa de pura ilusão!

Há que tempos nós esperamos esse momento sublime. E quem espera, desespera...

Creio que fizeram aqui, bem explícitas, as características do 3.º A—do insigne 3.º A!

Muito mais haveria para dizer, mas tenho receio de impacientar os leitores... Por isso, termino, fazendo votos para que as alunas do 3.º A trabalhem sempre para que a sua turma seja, como até aqui, uma turma notável, e que ficará na tradição!

Viva o 3.º A!!!

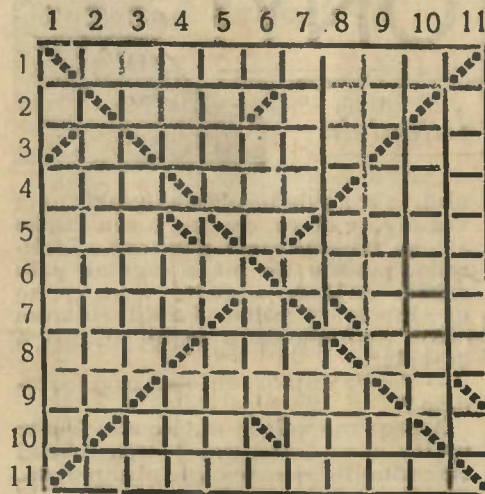
Maria Euridice

PROBLEMA

(Solução)

—O negociante satisfaz facilmente a encomenda metendo em cinco cestos as vinte e cinco perdizes, e cinco em cada cesto, e em seguida estes cinco cestos em outro cesto maior, ficando desta forma as vinte e cinco perdizes em seis cestos e cada um destes com um número impar de perdizes.

(Problema enviado por M. Graciete)



HORIZONTAIS — 1, meio de transporte; 2, onde se novega, ruminante; 3, sulca a terra, instrumento de madeira ou ferro; 4, pronome pessoal, braço de rio, forma do verbo ter; 5, preposição, forma do verbo pôr; 6, nome de mulher, reccar; 7, queima, exclusão; 8, forma do verbo ler, forma do verbo rir, enguia; 9, forma do verbo haver, grupo em que se divide uma classe de alunos; 10, cidade espanhola; nome de mulher; 11, cidade importante de Portugal.

VERTICAIS 1, instrumento cortante; 2, escrivã pública; 3, numeral; caminho estreito; pronome pessoal; 4, advérbio; preposição; paz assinada por D. Afonso Henriques; 5, rezar; mau, 6, cheques; gracejar; 7, trabalho; adorar; 8, antiga medida inglesa, pessoa pequena; 9, ditongo; forma do verbo tomar; exclusão; 10, árvore frutífera; 11, peixe.

M. do Carmo Guerreiro



Um rosário de quadras de poetas algarvios

Coleccionadas por Maria dos Reis

E' um ditado já velho
mas verdadeiro a meu vêr:
aonde houver um espelho
há-de haver uma mulher.

Caehopa namoradeira
não jure amor, porque mente
— não erla ervas a rua
onde passa toda a gente

Aquela rocha velhinha
sentada à beira da praia
foi quem bordou a rendinha,
que as ondas trazem na saia

Uma a uma as claras ondas
vão na praia desmaiar,
quem me dera ser a praia
... e que tu fosses o mar.

Eu não sei quem fez o fado
mas tenho d'isto a certeza
quem lhe deu esta tristeza
amou e não foi amado

Maria toma cuidado
vê como pisas o chão
se dás um passo mal dado
pisas o meu coração

Se nasceste junto ao mar
e eu junto à fonte nascei
não precisas perguntar
porque é que corro p'ra ti.

Uma promessa a mais louca
fizeram os meus desejos:
rezar um terço de beijos
na ermida da tua boca



O PRETO

Coragem, TONY!

(Continuação da 3.ª página)

(Continuação da 3.ª página)

despótica de um homem branco, ou quando leio qualquer coisa que me fala da Africa e dos pretos, logo me vem à lembrança toda a figura grotesca do meu pobre preto: as suas calças entre brancas e amarelas, a bailarem-lhe nas pernas magras; o casaco largo e desombrado, em cuja lapela suja e encardida ele prega os bilhetes da «grande»; os pobres sapatos cambados e rotos; o seu andar cambaleante, e, sobretudo, o seu sorriso.

Imagino oculta naquela mísera aparência, alguma história muito complicada.

E é por isso que, quando o encontro na sua faina, pouco rendosa, de vender bilhetes, que nunca são premiados, o fico a seguir com os olhos, até desaparecer a sua silhueta desageitada e deixar de ouvir o seu pregão:

— E o 1072!! Compra, sinhô!

aquella pequena muito viva e falalora de rasgado olhos azuis, seguiria Direito. Das três últimas, duas iriam para professoras e a outra queria ser esposa amante e mãe carinhosa. E a sorrir, lembrava o despetto, com que acollhiam aquelles que proclamavam a inferioridade das mulheres.— Isso é um erro. A mulher quando quer, sabe e pode ser até mais do que o homem—clamavam ellas entusiasmadas! E a Tony pensava: «Que diferença haverá entre a chama que anima os homens, e a que me anima a mim? Toda a tarefa é nobre, quando a sabemos cumprir!

E aquelles pensamentos, que eram o eco das suas antigas palavras—representavam para ella um estímulo, um incitamento para a luta árdua que, clausula, teria de travar na vida. Emocionada, a aviadora agradeceu ao capitão e aos companheiros e, ligeira correu para bordo do Juvenil. Da carilnga do seu avião, Tony dirigiulhe o último adeus.

O Juvenil partia, rolando, para erguer-se rapidamente e perder-se no espaço. O grito uníssono de «Coragem Tony» perdera-se no ruído do motor.

E' mais uma vencedora, Tony é mais uma mulher que, de mente a superioridade dos homens.